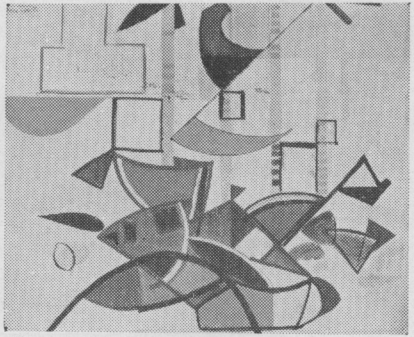
CICERO DIAS, NO RIO

SÉRGIO MILLIET

Esqueceram os pintores, mas principalmente o público, que pintura é conjunto de formas e côres. A definição não é minha, por isso não adianta xingar: é de Da Vinci. O mestre ia mais longe, aliás: é "coisa mental", o que vale dizer abstrata. Jàmais se preocupou com o "assunto", senão do ponto de vista profissional ou artezanal. Isto poderia ser uma defesa do abstracionismo, no sentido de uma afirmação de que a pintura é essencialmente um jôgo abstrato de formas e côres. Não penso entretanto em desenvolver a defesa, porque seria entrar num campo cheio de armadilhas e de confusões. Antes fôra necessário definir quantidade de termos e conceitos, o que não cabe nesta nota. Apenas umas observações avulsas: o leitor julga pelo assunto, pelo paralelo, pelas exterioridades. O conhecedor aprecia exatamente pela essência do quadro, que é essa distribuição, num dado espaço, de formas e de côres. É o que lhe interessa em última instância na Gioconda ou no Barba Nascente. E está certo. A personalidade de um pintor não reside assim no sorriso da mocinha, nem na gravidade que soube imprimir ao rapaz, porém na maneira por que soube distribuir suas linhas, seus planos, seus valores dentro da tela. Isso bastaria, já não digo para determinar a excelência possível do abstracionismo mas para justificá-lo e entendê-lo.

Há pouco no Rio, a exposição Cícero Dias permitiu-me ver confirma-



das essas assertivas tôdas. Eis um pintor que foi puro, quase primitivo na alegria de suas figuras e naturezas mortas tropicais. E eis um pintor que, abandonando suas antigas soluções figurativas se dedicou ao abstracionismo. Que aconteceu? Vemo-lo exatamente igual a si mesmo, apresentando aos olhos dos que sabem julgar uma arte pura, quase primitiva, alegre e tropical através simplesmente de formas e côres, tal qual outrora o fazia com figuras e assuntos. E a autenticidade dessa pintura manifesta-se nessa fidelidade a si próprio.

O público desnorteado se entusiasma por esnobismo ou se irrita por incompreensão. Os conhecedores continuam em presença de Cícero Dias. E a crítica se faz então em obediência a essa presença. Só que as qualidades e defeitos se evidenciam muito melhor do que antes, despidas que são das recordações sentimentais impostas ao público pelo assunto. Cícero Dias carece de intelectualismo e de gôsto e sua composição nem sempre é muito ortodoxa. Não lhe teríamos censurado os mesmos defeitos na obra antiga? Mas Cícero Dias tem a coragem das côres tropicais, azedas, duras, festivas, dos ritmos sincopados, das expressividades ingênuas. É uma canção bem da terra, mais sensual do que sensível. É uma música de poucas e curtas frases melódicas, mas de muito ritmo. É de se apontar tambem em alguns dos seus quadros uma tendência forte para o decorativismo, o qual encontra em Cícero soluções certamente novas e agradáveis ao extremo. Nessa parte de sua obra há mais cerebralismo, mais equilíbrio, unidade e gôsto.